ANPOLL
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística

XXXIII ENANPOLL
Encontro Nacional da ANPOLL

Produção do conhecimento, liberdade intelectual e internacionalização
27 a 29 de junho de 2018 – UFMT - CUIABÁ-MT

CADERNO DE RESUMOS

Linha 1: História das Ideias Linguísticas - linha01historiadasideiaslingui@gmail.com

Coordenação: Amanda Scherer (UFSM)
Claudia Pfeiffer (UNICAMP)
Vanise Gomes Medeiros (UFF)

1. Produção e Circulação na história das ideias linguísticas – um programa de pesquisa coletivo.

Amanda Scherer
Universidade Federal de Santa Maria
amanda.scherer@gmail.com
Claudia Pfeiffer
Universidade Estadual de Campinas
claupfe@gmail.com
Vanise Medeiros
Universidade Federal Fluminense
vanisegm@yahoo.com.br

Interessa-nos propor um programa de pesquisa coletivo com o objetivo de dar visibilidade à área da História das Ideias Linguísticas em termos de sua produção e circulação por diferentes espaços institucionais de modo a compreender suas formas de inserção, seus desdobramentos e consequências no espaço acadêmico e no ensino básico. Nossa proposta é a de fazer convergir os pesquisadores da área HIL nessa empreitada de modo que, em nosso próximo encontro da Anpoll, possamos trazer percursos dessa compreensão. Serão objetos de análise, sob os pressupostos teórico-analíticos da HIL, a produção brasileira na área (dissertações, teses, artigos, capítulos de livros, livros, periódicos especializados, eventos); a inserção da área no ensino superior (grades curriculares de graduação (disciplinas obrigatórias ou/e eletivas) e áreas de concentração da pós-graduação); as formas de inserção na pesquisa (pós-doutoramentos realizados na área, convênios, projetos de pesquisa com ou sem financiamento, bolsa produtividade, representação nos congressos, eventos e na distribuição do financiamento); os desdobramentos da área no ensino básico (políticas públicas de ensino, livros didáticos). Estas diferentes formas de produção e circulação se constituirão em nosso arquivo, lembrando que "um corpus de arquivo textual não é o

mesmo que um banco de dados" (PÊCHEUX, 2011:281) e que "o arquivo nunca é dado a priori, e em uma primeira leitura, seu funcionamento é opaco" (GUILHAUMOU; MALDIDIER, 2010:162). Posicionando-nos fora de uma busca por uma totalidade e unidade de uma prática científica, procuraremos compreender suas práticas heterogêneas em suas condições de produção, levando em consideração, sobretudo, as relações de força e de sentido aí presentes.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; Institucionalização; Política Científica.

2. O cotidiano na história das ideias linguísticas do Brasil.

Ana Cláudia Fernandes Ferreira
DL/IEL/Unicamp
anaclau@ymail.com

Carolina Padilha Fedatto
Círculo Psicanalítico de Minas Gerais
carolinafedatto@yahoo.com.br

O objetivo deste trabalho é apresentar as reflexões teóricas iniciais e as principais questões para o projeto que vimos elaborando em parceria: "O Cotidiano na História das Ideias Linguísticas". O interesse central deste projeto é investigar os diferentes modos de funcionamento do cotidiano na história do saber linguístico, em especial, no espaço brasileiro. Pretendemos aprofundar as teorizações a respeito da noção de *cotidiano*, fundamentadas por uma perspectiva materialista da História das Ideias Linguísticas – perspectiva esta que vem sendo desenvolvida no Brasil por um produtivo movimento de elaboração teórica e conceitual sustentado na Análise de Discurso. Dessa forma, o objetivo do projeto neste primeiro momento é desenvolver duas linhas de investigação: uma, especificamente voltada para o questionamento dos modos de funcionamento do cotidiano na constituição do conhecimento científico sobre a linguagem, a língua e as línguas do e no Brasil; e outra, dedicada a estudar a constituição, o funcionamento e a circulação de diferentes formas do saber linguístico no cotidiano brasileiro, de modo mais geral. Essas investigações têm em vista os processos de institucionalização, de divisão e (des)legitimação dos sujeitos e dos sentidos, dos saberes e das línguas (considerando aí o argumento da cientificidade e de diferentes tipos de autoridade), bem como processos de domesticação e de resistência ligados à constituição de saberes sobre a língua e a linguagem no cotidiano brasileiro.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas do Brasil; saber linguístico; cotidiano.

3. A Linguística Brasileira como instituição discursiva: uma análise de ditos e escritos de/sobre Mattoso Câmara JR.

Roberto Leiser Baronas e Tamires Cristina Bonani Conti
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAr
baronas@uol.com.br

Nesta participação, temos como objetivo precípuo refletir sobre a produção regular de trabalho dos linguistas brasileiros, isto é, sobre o seu trabalho de escritura linguística, que excede à simples textualidade. Mais, especificamente, nos debruçaremos sobre os escritos de/sobre Joaquim Mattoso Câmara Jr, considerado pela maioria dos linguistas brasileiros, o iniciador da linguística de língua portuguesa no Brasil. Para dar conta dessa empreitada epistemológica, organizamos a nossa comunicação a partir de três eixos epistemológicos: a) descrever as imagens de autor que são construídas pelos prefaciadores e comentadores de Mattoso Câmara nos livros desse autor, em artigos e em tese e dissertação de autoria de outros linguistas, que discutem o legado deixado por esse autor para a linguística brasileira; b) descrever as cenas englobantes, genéricas e cenografias mobilizadas por Câmara Jr., bem como as imagens de si, constituídas em seus principais livros; e, c) descrever os *pré-construídos* e os discursos transversos "mobilizados" por Joaquim Mattoso em suas principais obras. Esses três eixos estão ancorados, sobretudo, nos trabalhos de Dominique Maingueneau (2014 e 2015), sobre as imagens de autor e a filosofia como instituição discursiva, em Johannes Angermuller (2016), acerca da análise do discurso intelectual francês pós-estruturalista e, em Michel Pêcheux (1993), que postula o interdiscurso como o lugar mesmo em que estão intimamente imbricadas duas formas materiais: por um lado, as articulações. Por outro lado, o pré-construído, que no discurso do sujeito, constitui o*s traços daquilo que o determina*, e que são reinscritos no seu discurso.

Palavras-chave: Discurso, história e filosofia da linguística.

4. O dialeto caipira: um diálogo entre a Linguística Histórica e a Análise do Discurso.
   Lígia Mara Boin Menossi de Araujo

5. **Efeitos de memória: um museu e uma cidade a (NÃO) falar.**

Lucília Maria Abrahão e Sousa
(FAPESP/ BOLSA PQ CNPQ)USP
luciliamasousa@gmail.com

Os trabalhos de Robin (2016) e Pêcheux (1999) ambos teorizam, cada um a seu modo, a memória e(m) seus desdobramentos como dispositivo de movimento, heterogeneidade e fissuras em permanente jogo com o esquecimento. No jogo das repetições e dos retornos de sentidos sempre deslocados, no calor de efeitos calados (e/ou esquecidos) à força e de outros impostos por força da administração do político, no ranger dos desvãos esburacados do já dito e dos dizeres tidos como completos e evidentes em sua atualização, o trabalho da memória opera, sustenta, embaça e convoca o olhar do analista. Assim, pensar a linguagem e o discurso implica considerá-la na contradição e na dialética de sentidos que se mantem à custa de outros que são silenciados, de restos de dizeres que subsistem enquanto outros se perdem e/ou nunca foram ditos, mas continuam a latejar, pulsar e significar em uma estranha espessura. Nesse trabalho, pretendo analisar discursivamente o modo como o Museu do Amanhã (RJ) se inscreve na trama urbana em duas direções: i. fazendo falar em seu nome uma operação de retorno da memória do tempo futuro, adiado, esperado em um tempo que é promessa sempre no depois, o que marca um funcionamento atribuído não apenas à capital carioca, mas principalmente em relação ao "país do futuro"; ii. produzindo a tatuagem de uma brancura ensurdecedora no mapa da cidade, cravando ali sentidos de

desenvolvimento, tecnologia e sustentabilidade na mesma medida em que apaga a voz, os vestígios e os passos da tradição negra e trabalhadora.

Palavras-chave: memória, esquecimento, Museu do Amanhã.

6. **A terceira fase da automatização da linguagem e o digital.**

Cristiane Dias
Unicamp
crisdias.unicamp@gmail.com

Léon (2015) aponta duas fases da automatização da linguagem: a primeira "se constitui em dois tempos: a tradução automática, no início dos anos 50 e a linguística computacional no início dos anos 60." A segunda, que a autora situa nos anos 90, já com os primeiros computadores pessoais e os textos informatizados, é a do *"corpus turn"*. É o momento do surgimento dos grandes corpora informatizados, que tem início com a lexicometria. A partir desse ponto, que situa a história das ideias linguísticas numa conjuntura específica, minha proposição é refletir sobre uma terceira fase da automatização da linguagem: a da linguística de dados, produzida a partir das tecnologias digitais. Como questão fundamental, busco mostrar, pela análise dos processos de produção dos conhecimentos que se institucionalizam nas ciências da linguagem, que a constituição de um campo se dá pela relação contraditória entre continuidade e descontinuidade, cujas demarcações disciplinares e de pesquisa se estabelecem pela reformulação das questões no interior da própria ciência. Estabeleço como espaço de reflexão uma curva espiral que constitui o movimento teórico da linguística enquanto "prática teórica que toma a língua como objeto próprio" (Pêcheux e Gadet, 2004) e a conjuntura que pressiona seu campo para uma contemporaneidade histórica, na qual os conceitos e as teorias se apresentam ou se modificam ao mesmo tempo em que produzem compreensões sobre a língua enquanto objeto. Eis o ponto da curva que contorce, hoje, o campo da linguística para dar conta de uma forma de produção da linguagem afetada pelo digital.

Palavras-chave: automatização; digital; linguística.

7. **Algoritmizar a língua? A Análise Automática do Discurso na história da Linguística.**

Guilherme Adorno
Universidade Estadual de Campinas
guiadorno1@gmail.com

Se durante o século XX há um pleno desenvolvimento da Linguística como uma ciência, é também nestas mesmas condições históricas que o estudo da língua ficou marcado pelas divisões e disputas entre os estudos formais e os estudos interpretativos. Nomes próprios como Saussure e Chomsky configuram filiações teóricas e modos de abordar a língua, estabelecendo limites e fronteiras entre conceitos e procedimentos analíticos. Uma conjuntura possível de ser abordada pelo estudo específico do desenvolvimento da Análise Automática do Discurso (AAD). Tendo em vista, portanto,

tanto o trabalho sobre a língua quanto a relação teoria e análise nos procedimentos algorítmicos, formulamos o seguinte problema, assumindo o prisma de estudo da História das Ideias Linguísticas (HIL): *Que sentidos de língua são mobilizados na relação entre uma teoria materialista e análises formais nos procedimentos AAD proposta por Michel Pêcheux entre o final dos anos 1960 e início de 1980?* São observadas, por exemplo, quais categorias linguísticas (morfológicas, sintáticas, semânticas e discursivas) são eleitas como entrada para o tratamento algorítmico (palavra-pivô, sinonímia, anáfora, determinação do verbo, paráfrase, metáfora, etc.). Trata-se, portanto, de um interesse entrecruzado pela AD (no que concerne à epistemologia histórica pouco explorada na relação com os procedimentos algoritmos), pela HIL (no que concerne ao modo pelo qual o historicizou a AD, a relação entre os estudos saussurianos, chomskyanos e outros formalistas, clássicos e interpretativos), e pela própria Linguística (no que concerne a um estudo que busque problematizar a relação entre os conceitos teóricos e os procedimentos formais de análise).

Palavras-chave: materialismo; saber linguístico; teoria-análise linguística.

8. **A construção discursiva das paráfrases como recurso facilitador da linguagem no campo educacional**

Margarethe Steinberger-Elias
Universidade Federal do ABC (UFABC)
margaretheborn@gmail.com

Este trabalho faz parte de um projeto mais amplo sobre a história das ideias linguísticas no campo educacional. Aqui o foco é a construção discursiva das paráfrases como recurso facilitador da comunicação e da linguagem no campo educacional. Através de diferentes modos de dizer nos textos didáticos, alguns tipos de paráfrases podem ser entendidos como recursos para facilitar o entendimento por meio de definições, explicações, exemplificações. O problema investigado aqui é de que modo esse papel estratégico das paráfrases vem sendo percebido. Para uma análise preliminar, foi escolhido o texto dos Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio em suas orientações educacionais complementares para a área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Trata-se de um documento oficial do governo que apresenta uma proposta de reformulação do ensino médio nas escolas brasileiras. O capítulo específico relacionado às ideias linguísticas contém cerca de trinta páginas que se propõem a abordar, conforme os títulos das seções, uma "caracterização da área", suas "competências gerais" e "conceitos estruturantes". O documento dedica-se ao levantamento, análise e relevância de "conceitos de um domínio de conhecimento", assumindo um caminho epistemológico determinista que se propaga nos discursos disciplinares do campo educacional no ensino médio e em outros níveis. Nesta perspectiva, o documento analisado propõe como ponto de partida "mapear o conhecimento disponível sobre a área", levando em conta a frequência e regularidade de um tema ou tópico específico na bibliografia dessa área. Eventualmente este mesmo tópico é mapeado transversalmente em outras áreas disciplinares.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; campo educacional; paráfrase

9. Divulgação do conhecimento linguístico pelos jornais: a "Gramática das Escolas", de Feitosa (1882).
José Horta Nunes

Linha 2: Práticas discursivas, diferentes materialidades e movimentos na história praticasdiscursivasdifmaterial@gmail.com

Coordenação: Helson Flávio da Silva Sobrinho (UFAL)
Solange Gallo (UNISUL)
Suzy Lagazzi (UNICAMP)

1. O político no esgarçamento do social em diferentes textualizações materiais.

Helson Sobrinho
UFAL
helsonf@gmail.com

Solange Gallo
UNISUL
solangeledagallo@gmail.com

Suzy Lagazzi
UNICAMP
slagazzi@gmail.com

Tomamos a deriva de sentidos nas contradições da história em seu desafio de atualizar o político por meio de práticas discursivas que nos apresentem o esgarçamento do social no contraponto de diferentes textualizações materiais. Nosso intuito é trabalhar o político em limites sensíveis da ordem social, de maneira a expor fronteiras de sentidos, com seus conflitos ideológicos, em configurações materiais diversas. Ao contrapor o esgarçamento do social em textualizações materialmente diferentes, pretendemos

compreender o confronto de forças que caracteriza o funcionamento do político em laços materiais distintos, de modo a conseguirmos trabalhar a resistência do sujeito em diferentes estruturações simbólicas. Nosso investimento analítico se dará no contraponto de textos, imagens, vídeos e áudios que versem sobre um mesmo acontecimento social, em circulação em diferentes mídias, no confronto e na imbricação das diferentes materialidades significantes em foco, e que contraditoriamente estão inscritas em condições de produção determinadas. No que concerne ao investimento teórico, trazemos para o debate o funcionamento da ideologia, com grande ênfase no conceito de contradição para compreender a resistência do sujeito na atual conjuntura histórica. Conceitos sensíveis no interior do quadro teórico da Análise do Discurso materialista, a contradição e a resistência demandarão nosso investimento, ao lado da problemática da formulação e circulação dos sentidos, que receberá especial atenção em nossas análises, dado que as condições de formulação e circulação dos distintos materiais constituem possibilidades particulares na relação com os interlocutores e na produção de efeitos de sentidos contraditórios.

Palavras-chave: práticas discursivas; ordem político-social; diferentes materialidades.

2. Gesto (d)e interpretação na ordem do digital.

Atilio Catosso Salles
Univás/CAPES-PNPD
atiliocs@gmail.com

Interessados em produzir conhecimento como prática que possibilita ou impede certas intervenções no mundo real, em nossa sociedade, buscamos não (pelo) disciplinar, mas questionar gestos de interpretação ao tomar como material de análise um recorte discursivo de/em nossa sociedade. Nossa temática de pesquisa, assim, é compreender o corpo brasileiro em arte (na/em/pela dança, fotografia, pintura, cinema, performance) e, mais especificamente, interpretar como os sentidos sobre corpo/ambiência são produzidos, formulados enquanto "presença virtual" no espaço digital. Tomamos a noção de "presença virtual", no sentido da possibilidade do "discurso outro" (PÊCHEUX, 2008) se presentificar em relação às evidências de sentidos na contemporaneidade. Enquanto analista de discurso, temos a responsabilidade ética e política de interpretar (PÊCHEUX, 2010), ou seja, compreender os gestos de ver/olhar o que está nas telas, no palco, na rua, na periferia, nas imagens, nas galerias e fora delas. Olharemos para os olhos antes de olhar para o que está em foco, de modo que consigamos a marca, o vestígio, a presença de um sujeito que olha e é olhado e do mundo em que se inscreve, o mundo dos compartilhamentos, do cliquelink, o mundo digital. Isso é considerar o digital em sua materialidade, é atentar para o fato de que, no modo particular de produção dos discursos, em sua forma material específica, a textualização é determinada pelo processo de atualização dos sentidos no eixo horizontal, ou seja, no momento mesmo de sua circulação.

Palavras-chave: arte; circulação; digital.

3. (Ciber)feminismos e seus deslizamentos: entre discursos e fronteias na era digital.

Dantielli Assumpção Garcia
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
dantielligarcia@gmail.com

Neste trabalho, mobilizando as noções de memória (PÊCHEUX, 1999) e efeito metafórico (PÊCHEUX, [1969] 1997), pretendemos analisar como o movimento ciberfeminista, o qual faz emergir a 4ª Onda Feminista, constitui-se na contemporaneidade e frente à era digital. Almejamos compreender como esse "novo" momento do feminismo retoma, por um funcionamento da memória, uma série de repetições históricas acerca das lutas das mulheres no decorrer dos séculos XX e XXI, intentando controlar e confrontar sentidos acerca do que é ou não feminismo. Para que tais objetivos sejam alcançados, analisaremos as seguintes páginas feministas da rede social *Facebook*: *Feminismo sem demagogia*, *Feminismo na rede*, *Feminismo ¾*, *Feminismo Revolucionário*, *Feminismo Poético*, *Feminismo Marxista*, *Feminista Cansada*, *Feministas Revolucionárias*, *Não me Kahlo*, *Empodere duas mulheres*, *Moça, você é machista*. Nossa entrada analítica nessas páginas dar-se-á por seus títulos, analisando como as adjetivações em seus nomes, pelo efeito metafórico, funcionando no deslizamento entre fronteiras de diferentes formações discursivas, constitutivo do processo de formulação dos sentidos e constituição dos sujeitos, estando o processo de produção dos sentidos sujeito ao deslize, buscam "precisar" o termo feminismo, particularizando-o e diferenciando-o de outros movimentos sociais. Pretendemos, portanto, com este trabalho refletir sobre o que é dito e o que é silenciado ao se produzir dizeres que tomam o(s) movimento(s) (ciber)feministas como objeto(s).

Palavras-chave: (ciber)feminismo; efeito metafórico; memória.

4. Violência e(m) comentários: a mulher no discurso midiático.

Fernanda Luzia Lunkes
Universidade Federal do Sul da Bahia
flunkes@gmail.com

Em trabalhos anteriores (DELA-SILVA, LUNKES, 2013; GARCIA, LUNKES, DELA-SILVA, 2018), buscou-se situar alguns dos efeitos de sentido produzidos sobre o sujeito mulher no discurso midiático a partir da análise de diferentes materialidades significantes. Em continuidade a tais estudos e em consonância com um projeto de pesquisa mais amplo que objetiva apontar para os sentidos e processos de silenciamento produzidos sobre gênero(s) no discurso midiático, o presente trabalho se dedica a análise de comentários de leitores-internautas em matérias que noticiam assassinatos de mulheres. Para tanto, duas matérias constituem o *corpus* de análise: a primeira, do *G1*,

trata de um assassinato que ocorreu na Bahia, em fevereiro de 2018; a segunda, do UOL, de março de 2018, aborda o assassinato de uma vereadora do Rio de Janeiro. A partir da concepção de que comentários são espaços não formalizados que reúnem dizeres em dispersão (DELA-SILVA, 2017), interessa depreender alguns *sítios de significação* (ORLANDI, 1998) que apontem para a relação entre os gestos de interpretação do sujeito leitor-internauta com aquilo que lhe é exterior, a memória discursiva. Além disso, espera-se tensionar, a partir dos recortes, os sentidos sobre a mulher nas diferentes posições-sujeito em jogo, quais sejam, a mulher casada e a mulher política. Uma hipótese de análise é que, apesar dos diferentes processos de adjetivação – os quais apontam para diferentes modos de subjetivação –, os comentários inscrevem efeitos de (violenta) evidência do que (não) se espera da mulher pela manutenção de uma memória que a culpabiliza pela violência sofrida.

Palavras-chave: análise de discurso; violência de gênero; mídia.

5. Corpo-imagem.

Nádia Régia Maffi Neckel
PPGCL-Unisul
nadia.neckel@unisul.br

O investimento teórico e analítico na formulação "Projeções Sensíveis" (2010), levou-me a pensar mais diretamente as questões do corpo inscrito na estética contemporânea assim como seus atravessamentos políticos, históricos e sociais. Em um primeiro momento as projeções sensíveis foram compreendidas como um movimento próprio do discurso artístico, porém, ao pensar o corpo, esse movimento também pode ser observado nas instâncias da mídia, da tecnologia e da cultura. Essas observações permitiram compreender que o corpo na contemporaneidade é necessariamente textualizado e atravessado pela imagem enquanto materialidade discursiva. Daí pensar a imbricação (LAGAZZI, 2009) Corpo-Imagem, em suas diferentes tessituras, em processos de produção de sentido da/na memória discursiva - suas teceduras - enquanto corpo poético-político. É, então pela imbricação que esses corpos-imagem se textualizam e (re)-produzem sentidos em sua interpelação. Um corpo-texto: sujeito de linguagem e sujeito à linguagem, a condição incontornável do corpo-sujeito enquanto "mercadoria", determinado pela forma histórica do capitalismo. Essa compreensão advém dos apontamentos de Michel Pêcheux (2006) a respeito das práticas técnicas e os modos de individuação. Essa tensão entre as técnicas materiais e as técnicas de gestão social vão discursivizando sujeitos e seus corpos no laço histórico-social fortemente marcados pelos regimes de visibilidade do século XXI (economia e tecnologia). Um corpo-imagem é portando um corpo sempre em produção que não coincide necessariamente com um corpo jurídico legitimado, um corpo "sem limite" operando do "des-limite" de sua corporalidade, o que determina sua existência é o número de *views/likes* (GALLO e NECKEL, 2016).

Palavras-chave: Projeções-Sensíveis; Corpo-Imagem; Contemporâneo.

6. Imagem, memória e paráfrases visuais: fotos de índios na mídia online.
Tania Conceição Clemente de Souza

7. Corpo em performance: cena e imagem.

Telma Domingues da Silva
UNIVÁS
telmadds@gmail.com

Em trabalhos anteriores, abordei a performance *Interior Scroll* de Carolee Schneemann como objeto de análise no sentido do desenvolvimento de uma reflexão sobre uma memória feminina/ memória do feminino no campo das artes – a performance em questão é emblemática do movimento feminista e da década de 70. Nesta comunicação, a proposta é discutir a performance enquanto *cena* e enquanto *imagem*, considerando tal prática artística tecida pelo corpo. Se houve uma idealização (aspecto heroico) sobre o corpo, que se apresentou no âmbito das artes, isto será justamente confrontado nas produções da década de 1960-70 – como *Interior Scroll* que, junto a outros trabalhos concebidos neste período, pode ser associado à chamada *body art*. Apresenta-se uma questão em relação à materialidade da performance, considerando-se que da década de 70 em diante, passa-se de um momento em que o corpo em performance é material da arte apenas enquanto dura o gesto (a imagem fotográfica ou fílmica pode registrar uma ação artística da qual porém *não faz parte enquanto concepção*) para um momento em que a performance/ corpo é concebida já também enquanto imagem. Assim, procurarei problematizar sobre o corpo em performance enquanto *cena* e enquanto *imagem*. Se havia o "engajamento direto do corpo, incontornável para a arte dos anos de 1960 e de 1970" (verbete *body art* da *Enciclopédia Itaú cultural*), passamos nos anos 80 à incontornável (omni)presença da imagem. A partir desses elementos, busco compreender a historicidade do corpo como materialidade da performance nas suas produções, diversas, da cena e da imagem.

Palavras-chave: processo artístico; memória feminina; corpo.

8. Língua, educação e práticas discursivas na história: sentidos em disputa na BNCC.

Juciele Pereira Dias
Univás/Contradit
jucieledias@gmail.com
Luciana Nogueira
Univás/Contradit
lulunog@yahoo.com.br

Tomando como objeto a discursividade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC-dez/2017) e também sua publicização em prol de uma implementação nas escolas brasileiras, propomos, para este encontro, um espaço de discussão sobre como se dá a inscrição de sentidos sobre 'unidade/comum' e 'diversidade/diverso' na história. Neste

trabalho, compreendemos a BNCC como uma materialidade em que as disputas de sentidos e relações de força são recobertas por uma evidência de que tudo cabe na dualidade 'comum' e 'diverso' ou 'unidade' e 'diversidade'. Há, desse modo, tentativas de regular o que se pode e deve ser estudado na escola, colocando em jogo as relações entre linguagem e sociedade enquanto recobertas por certo funcionamento ideológico do consenso na contemporaneidade e, por sua vez, seus efeitos nos discursos sobre educação e ensino em reforma política-educacional. Entendemos que nas leituras de políticas públicas como essas, devemos considerar que as disputas de sentidos são desiguais e com dominância, permeadas de tentativas de recobrimento das significações (Orlandi, 2010). Por uma compreensão do processo de produção de sentidos (deslocamentos, rupturas, inversões...) das palavras 'comum' e 'diverso' na BNCC, buscamos trabalhar sobre a (des)regulação de séries de repetições históricas que sustentam o imaginário de unidade língua-estado-nação brasileira, em que a própria palavra 'diversidade' é projetada como unívoca no aparelho ideológico escolar. Para compreender essas questões, tomamos como corpus de análise a BNCC em relação a discursos outros em que uma articulação entre linguagem, educação e trabalho é evidenciada, levando em conta o funcionamento da língua, da ideologia, da contradição.

Palavras-chave: língua; ideologia; BNCC.

9. A teoria das práticas de linguagem: uma proposta de projeto em rede.

Maristela Cury Sarian
Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat
maristelasarian@unemat.br

Vera Regina Martins e Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat
pachacut@unemat.br

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de projeto de pesquisa em fase de elaboração, com vistas a estabelecer uma relação com o ensino e a extensão, no âmbito da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Tomando como base as propostas de intervenção que sustentam a concepção do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Unidade de Cáceres, este projeto visa ao estreitamento das relações universidade/escola, a partir de um trabalho que buscará congregar a formação inicial do acadêmico de Letras e Pedagogia e a formação continuada do profissional da área da linguagem que atua no ensino fundamental. Nessa perspectiva, serão propostas ações que discutam teoricamente as políticas públicas de ensino de línguas e seus efeitos nas práticas de ensino dessas línguas, de modo a desestabilizar os sentidos de evidência que circulam sobre alfabetização, leitura, escrita e tecnologias e ressignificar as práticas vigentes nas escolas. Nessa direção, como frentes desse projeto, vislumbram-se: a elaboração de práticas de linguagem teoricamente embasadas, tendo a AD e a AD na relação com a HIL como sustentação teórica; a realização de grupos de estudo e oficinas no âmbito da formação, bem como de eventos e publicação como formas de fazer circular a produção desses saberes; a proposição de um curso de pós-graduação em nível lato sensu, aberto a docentes das

séries iniciais do ensino fundamental que atuam nas escolas públicas e privadas. Pretende-se desenvolver este trabalho em rede e vemos, neste Encontro, a possibilidade de agregarmos parceiros a esta proposta.

Palavras-chave: Discurso; Língua; Ensino.

10. A contraditória condição de ser e não ser da escrita acadêmica como objeto de ensino.

Sandro Braga
Universidade Federal de Santa Catarina
sandrocombraga@gmail.com

Se o dizer supostamente científico da escrita acadêmica é pautado pela objetividade desse gesto, então a pergunta é: como ser sujeito do dizer ao escrever no âmbito desse gênero. Essa pergunta se torna ainda mais interessante quando pensada nas práticas de ensino e aprendizagem que envolvem estudantes universitários em contextos de letramentos acadêmicos. Se na perspectiva discursiva compreende-se a linguagem como não transparente e incompleta, mas que o sujeito não tem consciência disso, na escrita acadêmica, diferentemente, a contradição entre estar ou não presente nessa escrita (para o *eu* dizer é preciso deixar que o *outro* fale por mim) parece vir à tona, fazendo com que o sujeito sinta-se, por vezes, desorientado quanto sua inflexão na escrita e à forma que seu texto deve tomar. Pensando nessas e outras questões têm-se desenvolvido pesquisas a partir da consolidação do Laboratório de Escrita Acadêmica e Leituras – LABEAL, na Universidade Federal de Santa Catarina, visando compreender quais as dificuldades se fazem presentes nas práticas de produção da escrita no âmbito da universidade no tangente aos gêneros solicitados aos estudantes no decorrer de sua trajetória acadêmica. Nosso desafio teórico-analítico neste momento recai sobre as orientações das normas (em manuais) acerca dessa escrita e a problemática que se instaura em torno das heterogeneidades enunciativas.

Palavras-chave: discurso científico; escrita acadêmica; subjetividade.

11. Entre o publicitário e o jornalístico: observações sobre a circulação dos discursos na mídia.

Silmara Dela Silva
Universidade Federal Fluminense (UFF)
silmaradela@gmail.com

Neste trabalho voltamos a nossa atenção às condições de circulação de discursos na mídia, com foco no que estamos pensando como um processo de imbricação entre os discursos publicitário e jornalístico. Interessa-nos analisar discursivamente o funcionamento de diferentes materialidades significantes, que a priori localizam-se como discurso publicitário, no entanto, produzem sentidos em relação ao discurso jornalístico, seja por inscrever-se em meio a práticas jornalísticas em seus processos de formulação e constituição, seja por retomar acontecimentos jornalísticos em pauta

quando de sua circulação. Para tanto, tomamos como *corpus* de análise duas materialidades, a saber: i) um especial publicitário de uma empresa de eletrodomésticos disponibilizado no portal G1 por ocasião do dia das mães, exemplar do modo como o discurso publicitário passa a se servir de práticas jornalísticas em sua constituição e formulação; ii) uma peça publicitária em vídeo de um grupo bancário, que ganhou ampla circulação na TV durante o segundo semestre de 2017, na qual observamos a reafirmação de sentidos em curso acerca da reforma trabalhista, então tornada um acontecimento jornalístico na mídia. Buscamos, assim, contribuir para a análise de práticas discursivas da/na mídia em seus diferentes modos de circulação, considerando as condições de produção desses discursos e(m) seu funcionamento ideológico.

Palavras-chave: Análise de discurso; discursos na mídia; circulação.

12. Comuna de merda, isso sim, grande mulher é o cacete. POW mataram pouco: a circulação do discurso de ódio sobre os testemunhos de mulheres torturadas.

Silvia Regina Nunes
PPGL/UNEMAT
silvianunes@unemat.br

Este trabalho apresenta uma análise cujo objetivo foi compreender a constituição, formulação e circulação social do discurso digital sobre mulheres torturadas durante a Ditadura Civil Militar Brasileira. A pesquisa foi realizada em diferentes arquivos digitais em circulação na internet, especificamente em arquivos disponibilizados através do canal da Comissão Nacional da Verdade do Brasil no *Youtube* (https://www.youtube.com/user/comissaodaverdade). Constituímos um *corpus* de pesquisa com seis vídeos que dão publicidade à testemunhos de mulheres que foram torturadas durante a ditadura e tomamos como objeto de análise os comentários sobre esses vídeos, nos quais observamos a produção de discursos de ódio. Mobilizamos as noções de circulação, condições de produção, arquivo (digital), memória discursiva, memória metálica, formações ideológicas e discursivas e efeitos de leitura, para compor o dispositivo teórico-analítico. Compreendemos que o discurso de ódio, produzido a partir da formulação e circulação dos comentários, se inscreve numa memória discursiva do anticomunismo, sustentada no pré-construído do "inimigo interno", e produz ressonâncias em relação tanto aos testemunhos, quanto ao Partido dos Trabalhadores - PT, que viabilizou a instalação da Comissão Nacional da Verdade. Nesse funcionamento, a questão da tortura fica absorvida e banalizada servindo como argumento para a legitimação do discurso de ódio e a exaltação dos militares e da ditadura.

Palavras-chave: discurso de ódio; circulação; tortura.

13. Movimentos de sentido em "Agora, a Inês é morta".

Verli Petri
UFSM
verli.petri72@gmail.com

Maria Cleci Venturini
UNICENTRO
mariacleciventurini@gmail.com

O presente trabalho toma como objeto de análise a expressão "Agora, a Inês é morta", levando em conta seu funcionamento na história de Portugal, remontando ao séc. XIV e seus diferentes funcionamentos na língua portuguesa no/do Brasil do século XXI. O nosso ponto de partida é verificar como esse enunciado se transformou na história de Portugal, funcionando num movimento entre história e ficção até chegar à formulação que se tem no discurso em circulação na atualidade, em termos de Brasil. A partir dessa verificação, realizarmos um levantamento dos funcionamentos que este enunciado tem na Língua Portuguesa do/no Brasil da atualidade, dando ênfase especial aos discursos que circulam na internet. As noções teórico-metodológicas que mobilizamos neste estudo indicam a importância de se refletir sobre os diferentes espaços de enunciação e a produção de sentidos (GUIMARÃES, 2014), revelando repetições e alterações, no movimento entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 1998). Enfim, os sentidos deslizam e transformam-se, funcionando de diferentes maneiras no discurso do senso comum, sendo que na maioria das vezes vai se constituindo como "uma voz sem nome" (COURTINE, 1999), aproximando-se e afastando-se dos sentidos fundados na história da realeza portuguesa.

Palavras-chave: 1 discurso; 2 história; 3 Produção de sentidos.

14. Cidade: vias, fronteiras de discursos.

Ana Luiza Artiaga R. da Motta
UNEMAT
analuizart@unemat.br

Neste trabalho, buscamos compreender as fronteiras discursivas entre sujeito e espaço na cidade de Cuiabá-MT, uma das cidades sedes da Copa do Mundo de 2014. Trata-se de uma proposta que vem sendo desenvolvida em nosso projeto sobre cidade. Neste recorte, nossa questão incide em tomar o acontecimento futebolístico de 2014 e questionar o efeito futebolístico, em 2017, pelo discurso jornalístico e o de arte em grafite. Pelo acontecimento futebolístico a cidade é moída pelo discurso da mobilidade urbana e uma nova relação se institui com o corpo da cidade pelo simbólico (ORLANDI, 2004). Uma relação de poder do Estado, de reconstrução de vias urbanas. De modo que casas são desapropriadas, demolidas, construções edificadas, projetadas. Algumas abandonadas - ilhas, vias, cicatrizes na cidade. Hiatos. 2017. Há uma deriva de discursos, sentidos evocam os efeitos da Copa do Mundo de 2014, no poder local. Há diferentes materialidades discursivas que evocam sentidos à cidade, a falta, variações históricas e que rechaçam o imaginário de mobilidade o alhures, o irrealizado, a via do VLT. O desvão urbano faz pensar a imobilidade urbana, o sujeito, a resistência. Mobilizamos conceitos teóricos da Análise de Discurso de condições de produção, formação discursiva e memória (PÊCHEUX, 1995) com o objetivo de questionar pelo discurso, os diferentes processos discursivos, modos de significação.

Palavras-chave: Sujeito; cidade; mobilidade urbana

Linha 3: Processos de subjetivação, identificação, cultura

processosdesubjetivacaoidcul@gmail.com

Coordenação: Maria Cristina Leandro Ferreira (UFRGS)
Maria Onice Payer (UNIVAS)
María Teresa Celada (USP)

1. O trabalho da cultura no funcionamento de processos discursivos.

Maria Cristina Leandro Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
kittyleandro@gmail.com

Analisar o trabalho da cultura no funcionamento de processos discursivos é algo ainda ousado e perigoso no campo da Análise do Discurso. O que não nos impede de penetrar nesse instável e deslizante campo. Como ponto de mediação trazemos o sujeito de linguagem, este que habita o território discursivo com diferentes roupagens. Por razões que já conhecemos, a cultura foi descartada da composição do quadro teórico da Análise do Discurso, quando de sua fundação. Porém, em nosso tempo, não há como ignorar a presença marcante da cultura na constituição do sujeito e de seus rituais de celebração. A cultura entra como elemento que ajuda a iluminar os vestígios da ideologia, as sombras do inconsciente, do mesmo modo que nos ajuda a compreender melhor o processo de historicização de certos valores, costumes e hábitos atribuídos ao modo de ser dos sujeitos no tempo e no espaço. Pretendemos analisar alguns desses rituais de cultura, observados em certas manifestações da religião, da política, do esporte, entre outras, encontradas em blogs e redes sociais. Para efeitos de análise, propomos ainda que se pense *a* ordem do discurso, compreendendo a ordem da história, a ordem da língua e a *ordem da cultura*. Aqui nos interessa examinar mais de perto como se dá o funcionamento desta ordem da cultura, na qual entrariam o universal e o singular como constituintes dos processos de identificação dos sujeitos, em suas relações de interação.

Palavras-chave: cultura; subjetivação; linguagem; processos discursivos.

2. Civilização ou cultura: da "prescrição" à "descrição" no olhar sobre as "formas de vida" das sociedades?

Carolina Rodríguez-Alcalá
carolina@unicamp.br

Um dos aspectos discutidos no debate em torno dos sentidos de 'civilização' e de 'cultura' é o olhar mais prescritivo ou descritivo que projetam sobre as diferentes sociedades. Embora não sem ambivalências, combinações e/ou superposições de significação, existe um certo consenso em considerar que 'civilização' mobiliza mais

frequentemente uma visão prescritiva que toma como norma e parâmetro das sociedades categorias ocidentais, 'universalizadas' pela Europa através das grandes empresas coloniais realizadas a partir da era moderna; a invenção do conceito moderno de 'cultura' nas ciências sociais teria coincidido com o questionamento desse olhar eurocêntrico e a constituição de uma postura mais 'neutra', que tomaria toda 'forma de vida e de pensamento' como um 'todo coerente' que pode e deve ser analisado 'em si', a partir de 'categorias próprias' (ver Cuche 1996; Eagleton 2000). O objetivo do presente trabalho, que relaciona a história das ideias linguísticas à área saber urbano e linguagem, é problematizar esse relativismo e a própria possibilidade de neutralidade na abordagem dos fenômenos sociais, aí incluídos os chamados culturais. A partir de uma análise dos termos 'civilização' (de ciuitas,'cidade') e 'cultura' (que remete ao cultivo da terra, isto é, à tecnologia que foi condição de possibilidade para o surgimento da cidade), procuraremos mostrar que ambos atualizam, por vias diferentes, uma memória ocidental, mobilizando categorias ancoradas num imaginário da escrita e do urbano a partir das quais são significadas – e hierarquizadas – as diferentes sociedades.

Palavras-chave: cultura; civilização; história das ideias linguísticas; história das ideias sobre o espaço

3. #Marielle Presente: quando o luto se transforma em luta. Identificação e resistência.

Evandra Grigoletto
evandragrigoletto@gmail.com

Considerando um dos objetivos da linha processos de identificação, subjetivação, cultura, que é compreender como os processos de identificação se configuram na sociedade contemporânea, tomo um episódio recente ocorrido na cidade do Rio de Janeiro para análise: o assassinato da vereadora do PSOL Marielle Franco. Mais especificamente, pretendo analisar como os enunciados MarielePresente, MarieleVive, SomosTodosMarielle, muitas vezes marcados como hashtags, circularam e vêm se fazendo presente como forma de marcar a resistência em atos públicos realizados pelo Brasil afora, nas redes sociais etc. Quais os efeitos de sentido que tais enunciados produzem? Como funcionam, nos discursos em que tais enunciados se materializaram, os processos de identificação? Partindo da noção de resistência, tal como pensada por Pêcheux (2013), essas e outras questões atravessarão nossas análises. Aquilo que marca uma quebra no ritual ideológico dominante, mostra-nos Pêcheux (2013, p. 15), é justamente "o ponto sempre já-la, a origem imaginária da resistência e da revolta". Será o assassinato da vereadora esse ponto sempre já-la? Sabemos que não é possível ao sujeito da AD estar fora do ideológico, já que ele é desde-sempre interpelado, mas as formas de resistência surgem justamente nas falhas da interpelação. É preciso entender, como nos ensina Pêcheux (2013, p. 17), que "não há um mundo da ideologia dominante, unificado sob a forma de um "fato consumado", nem dois universos ideológicos opostos com o sinal + e o sinal -, mas um único mundo que não cessa jamais de se dividir em dois. " Assim, entendo que é entre a ideologia dominante e as ideologias dominadas, entre os processos de identificação e desidentificação que surge a resistência.

Palavras-chave: #MarielePresente; resistência; identificação.

4. Lugares de enunciação: uma análise de relatos de sujeitos autorreferenciados gordos.

Luciana Iost Vinhas
Universidade Federal de Pelotas
lucianavinhas@gmail.com

Virgínia Barbosa Lucena Caetano
Universidade Federal de Pelotas
vicaetano24@gmail.com

As relações estabelecidas na contemporaneidade proporcionam diferentes maneiras de os sujeitos manifestarem seus anseios, suas inquietações. As redes sociais online, através de plataformas digitais, criaram um ambiente propício para a manifestação de variados lugares de enunciação, sendo que essa nova configuração proporciona a visibilidade de grupos antes mantidos silenciados, recalcados. Com base na Análise de Discurso de tradição pêcheuxtiana, o presente estudo, ao analisar os relatos publicados em um blog chamado "Não tem cabimento", faz trabalhar os efeitos de sentido que emergem a partir de depoimentos de sujeitos autorreferenciados gordos, os quais ganham um espaço de enunciação a partir da plataforma virtual. Foram selecionados 54 depoimentos presentes no referido blog. Enunciados como "Meu pai vive dizendo .. Para sua saúde, eu acho melhor você parar de comer" são recorrentes nos depoimentos investigados. É por isso que nossa análise traz o elemento do excesso do discurso do outro como sintoma de uma falta: a falta de o sujeito autorreferenciado gordo reconhecer para si um lugar de enunciação (cf. ZOPPI-FONTANA, 1999; 2017). O excesso é aqui compreendido a partir de Ernst (2009), para quem esse conceito, de natureza operacional, pode auxiliar o analista na identificação de pontos de encontro entre língua, ideologia e inconsciente. Partindo das noções mencionadas, buscamos compreender de que maneira a falta de um lugar de enunciação e, por consequência, a retomada excessiva de discursos de outros sujeitos, produzem efeitos no processo de subjetivação do sujeito autorreferenciado gordo.

Palavras-chave: lugar de enunciação; falta/excesso; processo de subjetivação.

5. **Competências socioemocionais: sujeito e sentidos.**

Mariza Vieira da Silva
Labeurb/Nudecri/Unicamp
marizavs@uol.com.br

No contexto mais amplo da história da escolarização no Brasil, temos observado diferentes processos de aculturação e de individuação do sujeito capitalista em momentos historicamente determinados. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC - para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, uma política pública de Estado de abrangência nacional, estabelece as aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes têm direito pelo desenvolvimento de dez competências gerais, sendo que as três últimas reúnem o que tem sido chamado de competências/habilidades

socioemocionais em diferentes discursos como os de políticas públicas, de avaliações de larga escala como o PISA, de organizações não governamentais, de agências internacionais, de estudos e pesquisas, de programas de formação de professores e pesquisadores. A décima competência condensa sentidos implicados nesse processo de subjetivação: "Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários", sendo que uma ênfase forte recai sobre o termo "resiliência". Nessa comunicação, visamos, sob a perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso, analisando esses diferentes discursos, compreender como a forma sujeito capitalista se individualiza na relação com essas competências/habilidades socioemocionais de gerenciamento de emoções, valores e comportamentos, objetos ideológicos que movimentam contradições, a serem ensinados-aprendidos e avaliados em termos individuais e nacionais, face a demandas sociais e políticas distintas, em uma conjuntura de globalização da economia, de revolução da informação e de tecnologias.

Palavras-chave: Competências socioemocionais; trabalho; subjetivação.

6. O mal estar no/do (O)Outro: migração e intolerância.

Olimpia Maluf-Souza
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)
olimpiamaluf@gmail.com

As migrações tornaram-se um problema em todo o mundo dado o grande fluxo, o desrespeito à dignidade humana e a violência adotada por muitos países para a sua contenção. A motivação para essa debandada migratória decorre, em grande parte, de conflitos políticos e religiosos, perseguições, guerras, catástrofes naturais e miséria nos países de origem. Esses fatores tornam forçada a migração e colocam os refugiados expostos à situação de intolerância dos países "escolhidos" para se refugiarem. Na contramão do discurso político de muitos países, que torna condenável qualquer forma de migração, o Brasil recebe atualmente migrantes de vários países, especialmente do Haiti e da Venezuela. O nosso propósito nesse estudo é o de tentar compreender, pela perspectiva teórica da Análise de Discurso, o mal estar que a migração forçada ou voluntária pode produzir, enquanto gesto de intolerância, no (O)outro e os propósitos "humanitários" do Brasil no gesto de "acolhimento" desses migrantes. Para esse estudo recortamos particularmente a migração de haitianos para a cidade de Cuiabá, cujo gesto de acolhimento gerou, entre outras ações, a exposição de uma mostra fotográfica denominada *Haiti: Novos cuiabanos*, e, como ação posterior, a exposição de parte dessas fotografias em pontos estratégicos da cidade, com o objetivo de que o gesto representasse/represente a passagem de uma "inclusão visual para uma inclusão social", conforme informam os organizadores da Mostra. O gesto promoveu em nós o desejo de tentar compreender os modos como essa adjetivação (*novos cuiabanos*) produz sentidos para os processos de subjetivação e identificação dos haitianos.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Migração; Processos de subjetivação.

7. **O papel da linguagem. Confrontos e deslocamentos nas imigrações.**

Maria Onice Payer
Univas/CNPq
onicepayer@terra.com.br

Apresentamos questões trabalhadas no projeto "Processos de Subjetivação, Imigração e Linguagem" (CNPq 301656/2016/9), sobre as condições econômicas da produção de mobilidade humana em massa e os processos de subjetivação que aí se engendram, resultando em subjetividades em movimento nas práticas linguageiras (*langagières*): políticas de imigração, discurso cotidiano produções culturais que lidam com *o tema*. Estudamos o processo discursivo no seio do qual se produzem dizeres que tomam a imigração, os imigrantes e os refugiados como *objeto de discurso* - aquilo sobre o que se fala (Pêcheux, 1969). Analisamos um *corpus* de materiais do contexto de imigração, de linguagem verbal e não verbal. As análises traçam diferentes modos de constituição subjetiva atravessados pela imigração, lá onde se materializam esses modos. Visamos compreender, por um lado, o processo que *objetiva* o sujeito - aqui, indivíduos como corpos -, num sentido muito específico: o de "des-subjetivar", se se pode dizer assim, que o torna objeto em políticas de imigração, discursos midiáticos, imagens (fotos) e, destacaremos, diagnósticos por imagem a "identificar" indivíduos/corpos de menor ou maior idade –limiar do sujeito de direito - como parte de dispositivos oficiais para inserção ou exclusão em programas de atendimento a menores desacompanhados. A este processo contrapõe-se um outro, em atividades que nomeiam, narram, formulam/dizem a história em seu real, como eventos artísticos e programas com jovens artistas (mostra de fotos de rostos). Em tais atividades de linguagem, práticas da/na vida cultural, sentidos, sujeitos e real das imigrações se friccionam, se mostram, se tocam, deslocando formações, sentidos e sujeitos e constituindo-se reciprocamente.

Palavras-chave: subjetivação; imigração; linguagem.

8. **A língua própria resiste pela língua outra: história, memória e cidadania.**

Águeda Aparecida da Cruz Borges
guidabcruz@hotmail.com

Nesta proposta visamos apresentar reflexões e análises sobre o funcionamento da memória e história na língua e seus efeitos de sentido. Entrelaçamos alguns 'fios' discursivos, por exemplo, sobre os processos de naturalização, oficialização, convenção e interdição da língua de modo a mostrar como são determinantes nos processos de identificação do sujeito; no caso específico, o enfoque é dado no sujeito indígena Xavante. Para chegar ao recorte da análise, que é composto por sequências discursivas de uma monografia e conversa com o autor (Xavante), selecionei, também, de um universo discursivo, sequências de conversa com um cacique Xavante e de notícias sobre a inauguração da *Escola Tatu* (idealizada por professores Xavante da Aldeia São Marcos, município de Barra do Garças-MT), percorri vários materiais e estudos, inclusive, que já publiquei. Percebo que os Xavante resistem a uma história de apagamento da língua própria, sustentando-a pela memória, pela história e, mesmo interpelados pela língua do colonizador, à revelia de toda forma de pressão, vão no sentido de manter a sua língua, a sua história, e conquistar a cidadania.
Palavras-chave: Língua. Memória. História. Indígenas Xavante

ANPOLL
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística